

CASAS RIBEIRINHAS: ACONCHEGO NOS BRAÇOS DO RIO.

Laelia Regina Batista Nogueira

laelia.design@gmail.com

Arquiteta mestranda no Programa de pós-graduação de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal Fluminense. Orientador: Werther Holzer(werther.holzer@uol.com.br)

Sempre foi gravíssima nos seus primórdios a afinidade eletiva entre a terra e o homem. (CUNHA, 2011.p53)

Quando se navega pelos rios da Amazônia, ao longo de sua margem percebe-se uma singela quebra com a imensidão da floresta que nos cerca. Esse sutil ponto colorido é a indicação de que ali habita uma vida.

O presente artigo busca fazer uma apresentação do interior das casas ribeirinhas, e o morar de seus habitantes. Aqui passaremos pelo interior das casas de tipologia palafítica que existem as margens do rio Solimões, e no rio Negro. Neste caso, foram visitadas casas no município do Careiro da Várzea, na comunidade do Miracauera, a mais ou menos uma hora e meia da cidade de Manaus, e comunidades como São Sebastião, Nova Esperança e Pagodão, no rio Cuieras, afluente do rio Negro, também a mais ou menos uma hora e meia de Manaus, caminhos percorridos pelos rios de transporte fluvial.

A intenção desse artigo não é meramente a análise dessas habitações, mas compreender a sua domesticidade através do design e da arquitetura vernacular desenvolvido na região, pelos próprios moradores. Como vernacular podemos compreender como aquela construção que está relacionada aos costumes e tradições de um lugar, bem como sua economia e os materiais tradicionais encontrados na região.

Entendemos que a casa não se compõe somente através da edificação em si, mas também de seus objetos onde, uns com os outros compõe a casa e externalizam a personalidade de seus moradores. Além de simplesmente proteger-nos do mundo externo, a casa também carrega consigo diversos simbolismos e características de seus habitantes, reveladas a partir do interior da

casa e seus detalhes, compondo o nosso ambiente e lugar cotidiano.

É na casa que nos revelamos inteiramente como somos. Esse revelar se dá não somente no âmbito do indivíduo, mas também de toda uma sociedade, onde muitas de suas convenções são espelhadas dentro do ambiente doméstico assim como este também serve de espelho para compor a estrutura social das mais diversas sociedades. Assim, buscaremos o revelar doméstico do ribeirinho através de uma fenomenologia do ambiente cotidiano como propõe Christian Norberg-shulls.

Norbergue-Shulls (1995), afirma que o nosso mundo da vida é formado por fenômenos que estão em todas as partes: nas flores, nas pessoas, nos animais, na água, na rocha, e em elementos menos tangíveis como também nos nossos sentimentos, elemento essencial para nos relacionarmos entre nós e entre o mundo que vivemos e ambiente que nos cerca.

É pela afeição ao nosso ambiente vivido que transformamos o espaço no qual habitamos em lugar:

Nosso mundo-da-vida cotidiana consiste de “fenômenos” concretos. Compõe-se de pessoas, animais, flores, arvores e florestas, pedra, terra, madeira e água, cidades, ruas e casas, portas, janelas e mobílias. E consiste no sol, na lua e nas estrelas, na passagem das nuvens, na noite e no dia, na mudança de estações. Mas também compreende fenômenos menos tangíveis, como os sentimentos. (Norbergue-Shulz, (1995)p.444)

O ser humano constrói e através desse ato materializa as dinâmicas espaciais e sociais que o abraçam onde as atividades mesmo as mais básicas como comer e dormir, se dão de diferentes maneiras e requerem lugares que possuam propriedades diversas, de acordo com as diferentes tradições culturais e as diferentes condições ambientais. (NORBERGUE-SHULZ 1995, p.445).

Assim buscaremos ainda neste artigo, entender a noção da essência da casa (Bachelard) ribeirinha pensando em todo o mundo que a cerca, vendo a casa como ponto central deste habitar no qual o ser ribeirinho esta inserido, assim *por intermédio da fenomenologia, são analisados os*

movimentos cotidianos de indivíduos em seus lugares de significado, dentro de reluzentes mundos vividos, esboçando assim um dos alicerces da geografia fenomenológica. (SEAMON, 2013, p.04)

Dessa maneira na busca por uma Geografia fenomenológica do ambiente doméstico, tomaremos como aporte teórico autores que fazem o uso da fenomenologia como base para a sua ciência como Bachelard, Eric Dardel, Yi-Fu-Tuan, Martin Heidegger, Merleau-ponty, e o já citado Christian Norberg-shulls.

Como já mencionado, buscaremos aqui uma compreensão da casa do ribeirão localizado Baixo Solimões, área de várzea, e baixo Rio Negro- área de terra firme- mais especificamente nas margens do rio Cuieras, através de todos os aspectos e setores que permeiam sua habitação e a sua vida cotidiana que foram observadas através de pesquisa de campo com o intuito de capturar a essência do lugar e do ambiente a ser vivenciado. É importante ressaltar que a escolha por fazer nestas duas localidades se deu devido a grande diferença percebida entre as questões da domesticidade que se deseja abordar em ambas as áreas, apesar de ambas as localidades serem parte do todo que compreende a Amazônia.

A terra como lugar base e meio de sua manifestação: composição das casas.

As localidades onde a pesquisa toma parte são: no município do Careiro da Várzea, as margens do rio Solimões e distante aproximadamente quarenta minutos de Manaus, capital do estado do Amazonas. No município do Careiro existem diversas comunidades ribeirinhas que tem seu modo de vida constituído a partir da unidade familiar, seja com agricultura, pecuária ou pesca. Alguns ainda são servidores públicos, comerciantes, ou prestam algum tipo de serviço como um de nosso interesse: a marcenaria e carpintaria.

Nosso outro lugar de pesquisa se localiza no baixo Rio Negro, no rio Cuieras, um importante afluente do rio Negro, distante a aproximadamente uma hora e trinta minutos da capital.

Ambos os locais pertencem ao estado do Amazonas, porém estão localizados em rios diferentes, o que a princípio parece um fator pouco importante, mas existem diferenças claras entre ambos e essas diferenças se revelam nas casas e na maneira de habitar das comunidades existentes em ambas as localidades. Sobre essas regiões que se complementam formando o todo

da Amazônia, Cruz explica:

A Amazônia abrange dois ecossistemas que apresentam diferenças significativas entre si, porém são complementares: a várzea e a terra firme. A primeira representa cerca de 1,5% a 2% da Amazônia brasileira. As áreas de várzea são planícies de aluviões recentes, periodicamente recobertas pelas águas dos rios barrentos da região que ali depositam grande quantidade de sedimentos, como a do complexo Solimoes-Amazonas. No entanto é na terra firme que domina a quase totalidade do território amazônico, pois são terrenos do baixo planalto e estão fora da ação das águas dos rios e das marés (CRUZ, 2009, p.143)

Começando com uma descrição da várzea feita por importante escritor do século XX Alberto Rangel:

A casa de José Cordulo destacava-se na margem por uma anosa e solitária mungubeira, espetada no alto do barranco, teimosa na reincidência de encapuchar-se todos os anos de grandes flores rosadas, a que cediam enorme frutos carmesins. A árvore esquisita, sem folha alguma, dependurava dos braços hirtos essas urnas de laca, das quais, uma vez entreabertas pela maturação, se desprendem na deiscência bocados alígeros dum velo macio, Candido e levadiço.

O caboclo, nessa ponta de terreno devoluto, criava um “gadinho” em cinco “quadros” de

campo plantado de mium e “colônia”

.(RANGEL,2008. p.59)

A descrição acima lembra uma das fotos tirada em enquanto estava no campo. E acredito que essa será também uma das imagens mentais mais registradas por aqueles que já estiveram na Amazônia e buscam dela lembrar: uma pequena casa de madeira, aparentemente isolada em meio a floresta, com um telhado de duas águas, varanda na frente, uma canoa pintada de cores vivas assim como a casa, e um cachorro que corre ao som do motor dos barcos. E claro, a mungubeira, “arvore esquisita” muito comum nas áreas de várzea. Tudo naturalmente simétrico, que segundo Loureiro, esse é o *aspecto componente e constitutivo da visualidade amazônica construída na cultura.*

Essas regiões são banhadas pelo rio Solimões, um dos principais afluentes do rio Amazonas, que junto com o rio Negro compõe o encontro das águas. O rio Negro é um rio bastante novo, um rio jovem e vigoroso como descreve Euclides da Cunha em “Amazônia: paraíso perdido” (2011). Sua jovialidade está expressa na velocidade com que suas águas correm, especialmente na época da cheia, onde a ansiedade da mocidade não o permite estabilidade. Assim as águas levam terras de um lugar para outro, em um violento assoreamento levando propriedades inteiras para mais a frente compor um novo terreno aluvial. Tal fenômeno é denominado popularmente de terras caídas, onde uma grande porção de terra das margens do rio desmorona chegando a desabar até 100 metros da margem.

O rio não para e mantém sempre constante o barulho de suas águas correntes que percorre toda a vila, passando pelas ruas, por dentro dos terrenos, por baixo das casas e por cima das praças, trazendo consigo as terras de aluvião, que vão formando aterros conforme se acumulam por toda parte. Em alguns lugares a terra acumulada é retirada, como na praça e nas ruas da cidade. Já nas casas das comunidades, como por exemplo a do Miracauera, nosso ponto principal de integração com o local vivido, a terra de aluvião acumuladas permanecem no local formando uma espécie de aterro. Esse vai envolvendo tudo por onde passa, e com o tempo, a casa que antes possuía 2 metros de esteios na parte inferior da casa, formando a palafita agora possui em torno de 90cm, devido a terra depositada.

A época de cheia na área de várzea, as águas trazem a fauna e a flora para mais próximo, encurtando mais ainda o limite entre ser humano e natureza, que já vivem como comenta

Loureiro em “*exercícios espirituais de contemplação diária*”, e diversas são as histórias de animais como cobras dentro das casas, ou uma luta “a la” Discovery Channel ou National Geographic entre uma cobra e um jacaré:

Eu vi mesmo ali.(fala apontando com a cabeça) Dava pra ver aqui da janela... eu ainda tava sozinha. Eu pensava, “ai meu Deus do céu”, e os meninos tavam lá pra baixo na festa .(Dona Graça, moradora do Careiro da Várzea)

A quantidade de insetos e aranhas também é bem mais sensível nesta época, onde é possível ver diversos mosquitos, os carapanãs, e teias formando-se rapidamente na sua frente, por ligeiras e pequeninas aranhas. Os sons da noite quebram o silêncio da floresta, cabendo aqui descrição do escritor Alberto Rangel

À hora do meio-dia ensoalhado, a floresta é pavorosamente muda; à noite, ela é wagnerianamente agitada de todas as vozes. Vozes que vão do clamor insano d'almas errando em assombro de desespero (RANGEL,2008,p.40)

As casas funcionam como um invólucro, um casulo protetor que ao se entrar todo o mundo exterior desaparece e a proteção e aconchego do lar envolve a família que ali mora.

A partir de observação das estruturas das construções e da conversa partindo da convivência com os moradores, pudemos perceber algumas diferenças entre as casas e seu modo de construção entre as que foram construídas no Rio Cuieiras e as no rio Solimões. No primeiro, observamos com mais frequência casas onde as madeiras das paredes são postas verticalmente, enquanto no Solimões sua maioria possuem taboas horizontais. Isso se dá devido a alguns fatores, que por mais simples que sejam, influenciam diretamente no posicionamento e portanto, na estética e maneira de construção. As madeiras verticais são mais frequentes no rio Cuieiras devido a cultura extrativista que os moradores possuem e a abundância de matéria prima –

árvores de boa qualidade- para a construção das casas, essas em geral construídas pelos próprios moradores, que retiram a árvore da floresta, cortam-na em tábuas. Segundo um dos moradores e construtor, seu Chiquinho, as taboas são colocadas então de maneira vertical, pois facilita uma ficar presa a outra, visto que como sua fabricação é feita manualmente não é possível fazer encaixe tipo macho-fêmea por exemplo. Já no rio no Solimões: as madeiras em geral são compradas em lojas de material de construção ou pequenas madeireiras, pois a população já não é extrativista, mas sim composta em sua maioria por agricultores. Além disso por se localizar em uma área de várzea existem muito menos árvores.

A construção das casas nas comunidades do rio Solimões, diferente do rio Cuieiras que em geral é feita em mutirão, em sua maioria possui um carpinteiro que é o principal construtor de casas, que as constrói mediante a um pagamento e muitas vezes em conjunto com os donos da casa. Por esse fato, a maioria da população não constrói ou não sabe quais os tipos de madeiras adequadas para utilizar em cada parte da casa, principalmente os mais jovens, pois muitos desses mudam-se para Manaus, pra capital em busca de estudo e trabalho, então esse conhecimento se mantém entre os mais velhos. Entre os moradores de comunidades no rio Cuieiras, devido principalmente ao caráter extrativista da população como já mencionado, percebe-se o contrário: um conhecimento extremamente amplo de que tipo de madeiras podem ser utilizadas na construção.

É importante ressaltar que de um modo geral, esse tipo de trabalho ocorre de maneira quase que exclusivamente entre os homens, sendo difícil encontrar alguma mulher que trabalhe com carpintaria. Mesmo durante os mutirões de construção, não é comum vê-las desenvolvendo trabalho braçal, mas sim um papel mais de assistência. Entretanto percebe-se que decisões como por exemplo a planta da casa e sua organização espacial fica a cargo das mulheres. Bem como suas cores e o cuidado com a casa depois de executada a construção, como se a construção física da casa fosse responsabilidade masculina, cabendo à mulher dar forma e aconchego, tornando a casa um lar.

As mulheres inclusive são as que passam mais tempo na casa, pois a elas cabem os afazeres domésticos, além de muitas também ajudarem na roça, cuidado de animais e pesca, e muitas participando ativamente das decisões da casa e assumindo posições de lideranças dentro das comunidades.

Nas imagens a seguir podemos observar casas de ambas as localidades e perceber essas

diferenças citadas.



Figura 01- Casa no rio Solimões, período de cheia
Foto- Laelia Nogueira (2014)



Figura 02- casa no rio Cuieiras período de cheia
Foto-Laelia Nogueira (2014)

No rio Cuieiras, diferente da jovialidade expressa pelo rio Solimões, esse possui características de um ancião: quieto, ácido a evitar uma quantidade muito grande de insetos que o incomodem, misterioso e com grande conhecimento e relação com a floresta, que o envolve de maneira muito mais densa – por ser área de terra firme- que nas regiões de várzea.

O silêncio é constante, quebrado apenas pelo som das “rabetas” – canoas com motor – que o ouvido do caboclo consegue distinguir facilmente, inclusive reconhecendo qual a potência do motor (esse fato também pode ser observado na região do rio Solimões).

Bem diferente há de ser o aspecto da flora marginal se penetrarmos qualquer rio de águas pretas. Aí, nada do friso de capins aquáticos e praieros, ou da orla de outras plantas herbáceas que nos rios de aluvião antecedem a mata e, por ocasião das enchentes, não raro se despregam das ribanceiras para formar os perinantãs que descem de bubuia, ao sabor da corrente, levando no seu bojo garças e outras aves, quando não até onças colhidas de surpresa sobre essas ilhas viageiras.

Não. Nada disso. Tal como no rio Negro, rio de águas pretas que poderia ser tomado como padrão, a floresta não se faz anunciar. Chega logo

a beira da água e apresenta-se sem rebuços. Não se pense, porem que por vir assim, tão prontamente, ao nosso encontro, tenha um ar mais prazeroso e comunicativo. Muito pelo contrario, de um verde tristonho carregado, essa mata de uma verde tristonhamente carregado, essa mata, de arvores não muito altas e folhagem miúda, tem um rosto bastante severo, trai qualquer coisa de sombrio e misterioso. Isso não impedirá, entretanto, que, de vez em quando, sobre o seu manto austero apareça qualquer mancha colorida. Azul neste ponto, amarela em outro. Rosa aqui, vermelha ali, roxa acolá. São frondes que entre frondes, que se diriam sempre iguais, abrem os seus vistosos baldaquinos floridos, porque, no dizer de Adolpho Ducke, não haverá, em toda a Hileia região que se lhe compare (referindo-nos sempre a bacia do rio Negro) na riqueza de arvores da mais deslumbrante floração. (CRULS,1976. p.14)

Observando as duas imagens acima, e pensando nos aspectos físicos e poéticos já apresentados em torno da paisagem de cada um desses ambientes, é possível associar cada casa e sua imagem à cada um desses espaços. Vemos na casa do rio de águas brancas, que o caboclo costuma chamar esse modelo de casa de campo, as madeiras horizontais já mencionada, a coloração mais intensa que da mais frescor e jovialidade, enquanto a casa no rio de águas pretas (a direita) possui uma cara mais antiga, menos cores e menos elementos decorativos.

A casa das comunidades dos rios de águas negras podem durar três vezes mais que as margeadas pelos rios de águas brancas, principalmente pelo fato de essas estarem em uma área de terra firme, e não sofrerem um alagamento tão pesado na época da cheia, e nem sofre com as terras de aluvião, quem aterram o terreno cada vez mais, fazendo ele se aproximar mais e mais das casas, o que torna necessária uma movimentação dessas casas.

Esses aspectos físicos da paisagem, principalmente a modificação que ela sofre a partir do ciclo de enchentes e vazantes dos rios afeta diretamente na prática de construção das casas. As águas invadem a parte inferior da casa, muitas vezes alagando dentro dela. Quando isso ocorre o morador eleva o piso retirando-o de debaixo da água, ou constrói espécies de pranchas pelas quais eles podem andar por cima, as chamadas *marombas*. Os móveis e eletrodomésticos também são suspensos em geral sobre pés de madeira. A água adentrar a casa e o piso ser elevado é um fato natural porém não tão comum quanto parece. Pois em geral a casa é construída a uma altura que não será inundada, entretanto os sedimentos trazidos pela cheia diminuem a distancia entre o chão e o assoalho da casa e na próxima cheia é natural que a água fique mais próxima da casa. Para evitar que isso aconteça, é comum que a casa seja movida de lugar, sendo literalmente transportada para a parte mais ao fundo do terreno. Em geral ela é desmontada, e remontada em outro lugar, mas algumas comunidades possuem técnicas para mover a casa para outro lugar sem desmonta-las: eles constroem apoios para as mesmas e serram-lhe as estacas, conhecidos como barrotes ou esteios, e através de uma espécie de trilho arrastam a casa mais para trás, onde novos apoios vão estar lhe esperando. Algumas comunidades também utilizam macacos hidráulicos para levantar a casa e assim poder muda-la de lugar. Essa mudança geralmente é feita aproximadamente a cada dez anos. Além de utilizar essa técnica para evitar que a água entre, o mover das casas pode acontecer também quando percebe-se que o assoreamento de terra está próximo, movendo-a de lugar para evitar que quando as terras caíam levem consigo a casa e o que quer que esteja no seu interior.

Nas casas das comunidades nos braços do rio Negro, esse fato não ocorre, por ser terra firme e portanto, as enchentes não produzem esse tipo de aterro natural. É comum encontrar casas inteiramente de madeira com mais de 30 anos, sem nunca terem sido removidas, mudadas de lugar ou com poucas peças trocadas. Elas geralmente são construídas nas partes mais altas dos terrenos e desta forma, quase nunca sofre com o alagamento, mas o modelo continua, pois o material é mais viável, a técnica construtiva já é conhecida pelos construtores e são casas que se adaptam muito bem ao clima da região: o pé-direito alto, ventilação na parte inferior na casa e a madeira que é um material que não esquento tanto, mantendo o interior das casas fresco.

O piso é sempre muito bem lixado, e polido com cera de abelha ou pintados. A fiação é toda aparente, passando pela parte superior das paredes descendo apenas onde deve chegar um interruptor ou tomada. As casas não possuem forro, o que estabelece um outro tipo de relação de

intimidade e privacidade, observada no desapego material. É comum que ao se hospedar em uma casa de moradores de comunidades eles cedam o melhor quarto para o hospede, em geral o quarto do casal, isso quando há essa divisão de cômodos, pois muitas das casas são compostas apenas de sala que funciona também como dormitório e cozinha. É na cozinha onde acontecem os almoços de família ou juntamente com convidados. Há sempre fartura. Panelas impecavelmente areadas se exibem penduradas nas paredes da cozinha.

É difícil para nós que vivemos, e atualmente a maioria de nós, já nasceu em um mundo contemporâneo urbano, nos imaginar em situações do cotidiano ribeirinho como por exemplo, lavar uma louca em um giral- que se constitui em uma janela na parede com um bancada de apoio na qual é lavada a louça- : em alguns casos não se possui água bombeada da torneira e nem esgoto que leve a água cinza que sobra desse processo, então a água utilizada esta em uma cacimba, da qual é recolhida com uma vasilha que com essa se enxágua a louça suja. Para que esse processo ocorra, essa cacimba deve esta cheia, o que é feito com água do rio ou com água da chuva, quando esse caso ocorre muitos girais são feitos em área semi aberta. Ainda podemos ter esse tipo de atividade de lavagem de roupas ou louça no lado externo da casa, diretamente na beira do rio.

Atualmente, já se percebe a diminuição desse uso nas casas das comunidades ou nas isoladas que possuem melhor condição econômica, sendo substituído pelas pias convencionais. Isso se da principalmente devido a chegada da eletricidade, que permitiu a instalação de bombas d'gua que bombeiam a água do rio para caixas d'guas particulares ou comunitárias dependendo do caso. Mas ainda assim continua-se janelas sempre em cima de onde a pia fica localizada, o que remete aos girais e ao costume de um lugar de serviços aberto e com vista para a bela paisagem amazônica, *o pitoresco de certas regiões só se concebe em um mundo onde a beleza natural está incluída como atrativo ou uma distração.* (DARDEL,2011,p. 9)

Já sabendo da grande quantidade de insetos que todas as noites são inúmeros, que ao cair do sol uns lembram aos outros de fechar as portas e janelas, vedando todas as possíveis entradas, sendo possível sentir claramente a ausência dos mosquitos. Muitas das janelas são vedadas também por telas de mosquiteiro, em geral na cor verde, permitindo um olhar para o lado exterior da casa.

Os mosquitos são tão presentes que se faz quase indispensável o uso do mosquiteiro sobre as camas ou redes, criando mais uma proteção que protege o caboclo durante seu sono.

Esse elemento pode ser percebido tanto nas margens do rio Negro quanto nas margens do Solimões, apesar de que no rio Cuieras, a presença de insetos é bem menor, pois por ser um afluente do rio Negro sua água é bem mais ácida o que diminui o número de insetos presentes na região.

Em geral podemos perceber poucos moveis nas casas, principalmente na região do rio Negro, as salas muitas vezes se compõe apenas de redes, que em geral ficam amarradas para cima guardadas durante o dia, e utilizadas durante a noite por quem for dormir. À sala, o uso como dormitório é a essa muitas vezes incorporada, sendo usada como sala de visitas em ocasiões onde de fato se tem a recepção de uma visita, e a cozinha é o cômodo que passa a ter a função de integração social. Essa em geral é a parte mais utilizada e com mais moveis da casa.

Os banheiros são geralmente localizados na parte de fora da casa, em uma pequena casinha separada, carinhosamente chamada por alguns com tom sarcástico e piadista de escritório. Na maioria das vezes se percebe a presença de um vaso sanitário, porém sem entrada de água. Essa é jogada manualmente com baldes, e o esgoto é mandado para uma fossa comum, ou diretamente para o rio.

Assim vemos moveis simples, porém sempre tudo muito bem arrumado. É interessante perceber também o uso da própria estrutura das casas como fonte de apoio para prateleiras e bancadas, ou usando as próprias madeiras sobressalentes da estrutura como prateleiras para apoiar os mais variados objetos, outros são pendurados por pregos ou cordas. Percebe-se uma elevação não só da casa através das palafitas, mas também de seus objetos interiores, que é um reflexo da própria estrutura da casa, essa em si elevada. Uma espécie de proteção instintiva dos poucos bens materiais que esses possuem, não por que não podem ou por que são “social e economicamente frágeis”, mas sim por escolha consciente.

Para Loureiro, *a cultura amazônica onde predomina a motivação de origem rural-ribeirinha é aquela na qual melhor se expressam, mais vivas se mantem as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza sua produção de caráter utilitário- casas, barcos e etc.* (LOUREIRO,1995, p.56).

O espaço arquitetônico revela e instrui: considerações finais

Ao final dessa leitura de ambientes e paisagens, utilizamos como título da última parte do texto uma frase de Tuan, que entendo aqui resumir bem o que buscamos refletir: *o espaço arquitetônico revela e instrui.* (TUAN,2013,p.142) O espaço construído revela as características sociais, econômicas e culturais de cada cultura, e instrui de maneira que ela revela diversos simbologias e manifestações culturais a partir do que e de como foi construído. O meio ambiente, ainda segundo Tuan, afeta as pessoas que ali vivem e define como será o ambiente construído naquele espaço definindo as relações sociais e as relações pessoais. Podemos ainda complementar esse pensamento com Dardel, quando ele diz que *a forma mais importante de espaço construído esta ligado ao habitat do homem* (DARDEL,2011,p.27).

Construir é uma atividade complexa. Torna as pessoas conscientes e as leva a prestar atenção em diferentes níveis: ao nível de tomar decisões pragmáticas; de visualizar espaços arquitetônicos na mente e no papel; e de comprometer-se interiormente de corpo e alma, na criação de uma forma material que capture um ideal. Uma vez alcançada, a forma arquitetônica é um meio ambiente para o homem. (TUAN,2013,p.133)

Para Heidegger construir é o próprio habitar (HEIDEGGER,2008,p 139). Isso é fácil de se compreender ao convivermos com comunidades com as que venho convivendo, e até mesmo criando vínculos afetivos e profissionais. Quando passamos a fazer parte do dia-dia de moradores de comunidades locais, entendemos que a produção de elementos que dão suporte para a vida e a própria vida de misturam. O trabalho e o cotidiano estão inteiramente integrados e a casa ribeirinha seria o elo entre as pontas da quadratura mencionada por Heidegger, o qual coloca como elementos do habitar humano o céu, a terra, o divino e os mortais. Esses elementos se misturam constantemente quando pensamos no habitar. As comunidades vivem daquilo e para aquilo que constroem e a construção da casa, da roça e dos demais elementos que os englobam compõe uma apresentação da vida e do *ser* de cada um.

É importante não se acreditar no erro em que a espacialização geográfica se produz somente em virtude de um comportamento ativo. É o caso onde o homem é agenciado pelo ambiente geográfico: ele sofre influencia do clima, do relevo, do meio vegetal. Ele é montanhês da montanha, nômade da estepe, terrestre ou marinho. A natureza geográfica o lança sobre si mesmo, da força a seus hábitos, suas ideias, às vezes a seus aspectos somáticos. (DARDEL,2011,p.9)

Assim, percebemos uma vida de troca e respeito constante entre homem e natureza. Com a terra o homem se entende de imediato (DARDEL, 2011, p.120) *tal intervenção, deve ser ressaltado, não é indiferente, exploradora ou destrutiva, mas uma relação que harmonizaria a vida humana com a ordem ou modelo inerente da própria natureza. (COSGROVE, 1998, p.187)*

Neste estudo da cultura amazônica, leva-se em conta uma cultura presente na atualidade regional, num momento em que homens ainda não se separaram da natureza, onde perdura ainda uma harmonia mesmo entrelaçada de perigos, e se vive em um mundo que ainda não foi dessacralizado; onde o coração vive ardoso do espírito das origens e onde brota ainda aquele leite e mel das sagradas origens. Onde os mistérios da vida se expõe com naturalidade e o numinoso acompanha as experiências dos outros e de si mesmo.(LOUREIRO, 1995,p. 16)

Ao vermos a maneira ribeirinha de habitar a terra, podemos entender que essa ocorre no encontro poético entre homem e natureza, revelado a partir de sua materialização na paisagem na

forma das casas que esses constroem e na maneira em como constroem materialmente e simbolicamente o lugar no qual habitam, construindo uma cultura material a partir de uma relação simbiótica com o ambiente que os cercam e os quais todos os dias experienciam, através de cheiros- da floresta , das frutas, da chuva que se aproxima-, cores – dos céus ao por do sol; das aves, algumas com cores vibrantes destacam-se do imenso verde que os envolve-, sons- do pássaros, do rio corrente ; do motor do barco que vem chegando-, sabores de todas as comidas e texturas, todas naturais. Com elas a paisagem é quase sentida na pele, apreendidas a partir da experiência proporcionada pelo espaço diariamente no mundo-vivido, manifestado materialmente formando o meio ambiente cotidiano que tem a paisagem como suporte material e imaterial de todas essas interações.

Referências Bibliográficas.

- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. A casa ou o mundo às avessas. In Textos didáticos: ensaios sobre a África do norte. São Paulo, Unicamp, 2002.
- CARVALHO, Vania Carneiro de. Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material- São Paulo 1870-1920. São Paulo. Editora da universidade de São Paulo/Fapesp, 2008.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte. In Paisagem, tempo e cultura. Organizadores Roberto Lobato Correa, Zeny Rosendahl, Rio de Janeiro EdUERJ, 1998.
- CRULS, Gastão. Hiléia Amazonica. Aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígenas. 4 edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora/MEC, 1976.
- CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. Campesinato e meio ambiente na várzea da Amazonia. P- 143-170. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; FACALDE, Ivanira. Orgs. Tradição versus tecnologia: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro. Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2009
- CUNHA, Euclides. Amazonia: um paraíso perdido. Manaus, Editora Valer, 2011.
- DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza e realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo, Perspectiva, 2011.

- HUNDERTWASSER, Friedrich. Restany, Pierre. Hundertwasser. Parkstone Press International, Ho Chi Minh City, Vietnam, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. "Construir, habitar, pensar". Ensaios e conferencias- Petropolis, RJ: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. "...Poeticamente o homem habita...". Ensaios e conferencias- Petropolis, RJ: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. "Ciência e pensamento do sentido". Ensaios e conferencias- Petropolis, RJ: Vozes, 2001.
- HOLZER, Werther; ALCANTARA, Vera. Paisagem vernacular: aldeamentos salineiros. "Revista Poiésis", n. 12, p.89-100, nov. 2008.
- HOLZER, Werther. A trajetão: reflexoes teóricas sobre a paisagem vernacular. In Espaço e cultura: pluralidade temática. Organizadores Zeny Rosendahl/Roberto Lobato Correa. Rio de Janeiro EdUERJ, 2008.
- KINGSTONE, Karen. Criando o espaço sagrado com o Feng Shui. Tradução Euclides Calloni e Cleusa Wosgrau. São Paulo, Editora pensamento, 1996.
- MERLEU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo, Martins fontes, 1994.
- NORBERGUE-SHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: uma nova agenda para a arquitetura. Organização Kate Nesbitt. Ed. Cosacnaif, 1995
- NOVAES, Sylvia Caiuby. Habitações indígenas. São Paulo, Nobel: Ed. da universidade de São Paulo, 1983.
- RANGEL, Alberto. Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas. Manaus, 6 edição Editora Valer, 2008
- RUDOFSKY, Bernard. Architecture without architects. Albuquerque. University of New Mexico Press. 1987.
- SEAMON, David. "Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar". Geograficidade | v.3, n.2. Tradução Paulo Mauricio Rangel Gonçalves. 2013
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiencia. Tradução Livia de Oliveira, Londrina, Eduel, 2013.